



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 9, número 2, maio-ago. 2020

A REPRESENTAÇÃO DE CONFLITOS RACIAIS NO ROMANCE *THE LONG SONG*, DE ANDREA LEVY



THE REPRESENTATION OF RACIAL CONFLICTS IN THE NOVEL *THE LONG SONG*, BY ANDREA LEVY

Juliana Cassia MULLER
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 23/11/2019 • APROVADO EM 14/05/2020

Resumo

Este artigo, como parte do projeto Literatura e Identidade, analisa a representação de conflitos raciais no romance *The long song* (2010), escrito por Andrea Levy. Partindo das reflexões de Deborah A. Thomas (2013), Steve Garner (2009) e Teun A. Van Dijk (1992), este trabalho utiliza-se de suas teorizações em volta dos conceitos de raça, a fim de discutir a construção e reprodução de conflitos raciais a partir do olhar da personagem Caroline Mortimer, representante do grupo dominante. Essa representação é baseada em três processos centrais: percepções do sujeito negro por parte do grupo dominante, internalização do papel de senhora e utilização da violência. Nesses diferentes vetores da interação social, a personagem principal adota e reproduz visões de mundo presentes no meio em que está inserida.

Abstract

This article, as part of the project *Literatura e Identidade*, analyzes the representation of racial conflicts in the novel *The long song* (2010), written by Andrea Levy. Based on the reflections of Deborah A. Thomas (2013), Steve Garner (2009) and Teun A. Van Dijk (1992), this work uses their theorizing around the concepts of race, in order to discuss the construction and reproduction of racial conflicts from the gaze of the character Caroline Mortimer, representative of the dominant group. This representation occurs through three central processes: perceptions of the black subject by the dominant group, internalization of the role of mistress and use of violence. In these different vectors of social interaction, the main character adopts and reproduces worldviews present in the environment in which she is inserted.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Andrea Levy. Literatura de imigração. Racismo. *The Long Song*.

KEYWORDS: Andrea Levy. Migrant literatura. Racism. *The Long Song*.

Texto integral

INTRODUÇÃO¹

Ambientado no contexto jamaicano, no início do século 19, o romance histórico *The long song* (2010) encena os anos finais da escravidão e a transição para a liberdade ao narrar a vida da escrava July, na plantação de Amity, e como ela se transforma com a chegada de Caroline Mortimer, irmã do proprietário John Howarth. Com relação ao foco narrativo, ele se concentra em July e nos principais acontecimentos que marcaram sua trajetória, recriando, assim, uma narrativa de escravos, narrada em primeira pessoa.

A autora do romance, Andrea Levy, é filha de imigrantes caribenhos que chegaram na Grã-Bretanha a bordo do navio *Empire Windrush*. Nascida e criada em Londres, Levy faz parte de uma produção literária que vem sendo denominada de *Black British Writing*, literatura de língua inglesa escrita por caribenhos, asiáticos e africanos. As principais temáticas abordadas em suas obras giram em torno da escravidão, imigração e questões de pertencimento e estão presentes em obras da autora como *Every light in the house burnin'* (1994), *Never far from nowhere* (1996) e *Fruit of the lemon* (1999). Além disso, a autora busca evidenciar questões importantes acerca da herança histórica, racial e identitária do seu povo.

Escrito em 2010, o romance é narrado por July, uma escrava negra que vive na plantação do senhor John Howarth, que foi tirada da mãe, a também escrava Kitty, quando ainda era criança, a mando de Caroline Mortimer, irmã do então senhor. A partir de experiências boas e ruins, a vida da jovem na Casa Grande é narrada pela escrava July alternando entre presente e passado. Ademais, há um foco na personagem de Caroline e no seu processo de construção e reprodução do racismo a partir das percepções obtidas no meio social em que vive.

A partir de um levantamento acerca da literatura já produzida sobre a obra, é possível afirmar que há uma variedade com relação às abordagens, como por exemplo nas produções de Muñoz-Valdivieso (2016), Pérez-Fernández (2017), Öztapak-Avci (2017), Laursen (2012), Nielsen (2016) e Lima (2012). Com relação a abordagem da questão da escravidão, o artigo de Muñoz-Valdivieso (2016) propõe uma comparação entre a obra de Levy e outras ficções sobre a temática da escravidão, publicadas na Grã-Bretanha, de modo a analisar suas semelhanças e distinções. Já Laursen (2012) foca na análise da narração de histórias traumáticas oriundas do colonialismo e da escravidão, enquanto Nielsen (2016) explora o modo como a escravidão é representada na obra.

Por fim, ainda nessa abordagem, Lima (2012) analisa o papel das narrativas neo-escravas na criação e transformação da história. Outra abordagem se refere às questões mais teóricas, como no artigo de Öztapak-Avci (2017) que analisa a presença do narratário idealizado na obra de Levy. Por último, Pérez-Fernández (2017) propõe uma comparação da presença da riqueza emocional nas obras de Joan Anim-Addo, *Daughter and his housekeeper* (2008), e Andrea Levy, *The Long Song* (2010).

Tendo como suporte teórico os pensamentos de Dijk (1992), Garner (2009) e Thomas (2013), este trabalho utiliza-se das suas contribuições acerca do racismo, o qual é visto por Dijk como uma estrutura de normas sociais e culturais ou ideologias de grupos dominantes que utilizam seu poder como uma forma de controle sobre grupos oprimidos. Esse último grupo, segundo Garner, é estereotipado pelos integrantes do grupo dominante, que ligam determinadas características físicas a certos padrões negativos de comportamento. Além disso, Thomas acredita que a exposição diária a violência desmoraliza e devasta esses indivíduos estereotipados.

Dessa maneira, este artigo busca analisar a construção e reprodução do racismo a partir da personagem Caroline Mortimer apresentada na realidade diegética. Para este estudo, serão discutidos os processos de percepção e internalização do papel de senhora e do uso da violência relacionados com a personagem mencionada acima. Através disso, torna-se possível observar de que forma esses processos atuam na construção e, por fim, na reprodução do racismo a partir dos indivíduos pertencentes ao grupo hegemônico.

PERCEPÇÕES HEGEMÔNICAS DO NEGRO

De acordo com Dijk (1992), o racismo é a dominação exercida por grupos europeus a grupos não europeus, muitas vezes denominados como não brancos, sendo a mesma identificada em termos de diferenças físicas, culturais e socioeconômicas. Partindo desse pressuposto, o sentido das percepções hegemônicas sobre o sujeito negro está atrelado ao modo como estes sujeitos são vistos pelo olhar de Caroline Mortimer, personagem que representará o grupo hegemônico neste recorte, levando em conta essas diferenças físicas e culturais mencionadas por Dijk. Em um breve resumo, o enredo do romance *The long song*

gira em torno da vida da escrava July e como ela se transforma radicalmente ao encontrar Caroline, uma jovem, de 23 anos, branca de pele delicada, nascida e criada em solos ingleses. Esses atributos caracterizam Caroline Mortimer, que assume o papel de senhora na plantação, nomeada de Amity, após a morte de John Howarth, seu irmão e antigo senhor da propriedade.

Após a chegada de Caroline à Jamaica, a jovem passa a perceber certos aspectos relacionados aos escravos negros que residem e trabalham nas terras de seu irmão. Tais percepções se referem principalmente à língua, à aparência física e ao modo de ação desse grupo de indivíduos. Esses pensamentos, manifestados como preconceito e discriminação, “não estão ligados a estruturas de personalidade individuais, mas às normas sociais e culturais, valores ou ideologias de grupos dominantes” (DIJK, 1992, p. 20, tradução nossa).²

Nesse contexto, essas percepções são aprendidas e reproduzidas por valores culturais que permeiam o grupo do qual Caroline faz parte. Sendo assim, a personagem presencia a opinião negativa de outros membros do grupo perante o grupo oprimido, o que influencia no modo que ela passa a enxergar tais indivíduos. A língua se transforma em objeto de percepção quando associada com a noção de exótico. No romance, os escravos possuem uma língua própria, que causa certo estranhamento no grupo dominante, como visto em “Caroline observou que Agnes foi capaz de comandar esses escravos em sua própria língua estranha” (LEVY, 2010, p. 28, tradução nossa).³ Parte dos integrantes do grupo hegemônico não compreendem tal idioma e por isso há uma tentativa de impor sua própria língua, o inglês, sobre esses sujeitos, de modo que a comunicação fosse feita apenas através dela. Na narrativa, Agnes, esposa de John e cunhada de Caroline, é uma das poucas que consegue se comunicar da mesma forma que os escravos verbalizavam entre si.

Como o grupo hegemônico detém maior poder, seja ele econômico ou social, do que os participantes do grupo oprimido, ele regula certas convenções sociais, aqui representadas pela língua, de modo que “o exercício de controle social sobre outros grupos limita a liberdade social desses outros grupos” (DIJK, 1992, p. 21, tradução nossa)⁴. Essa limitação serve como uma tentativa de reafirmação de poder: já que Caroline não consegue entender o que é dito pelos escravos, ela não será capaz de distinguir uma conversa normal de um planejamento de rebelião, criando um efeito de inferioridade e incapacidade que causa estranheza ao estar associada a essa personagem, visto que ela ocupa uma posição de destaque por ser branca, livre e herdeira de uma plantação de cana-de-açúcar, na qual encontram-se inúmeros escravos negros.

A aparência física dos escravos que eram trazidos para a plantação de Amity também não passa despercebida pelos olhos da senhora Mortimer. Suas observações caracterizam os escravos como monstros/monstruosos, o que condiz com a visão dominante da elite (normalmente) branca. O elemento da monstruosidade fica evidenciado logo na chegada da jovem, quando ela recebe ajuda de três escravas e, por causa das características delas, fica com medo: “Caroline deu um longo passo para longe delas – não por causa desse desdenhoso desprezo, mas com medo dos seus dentes que, quando elas riram em direção a ela, mostraram-se brancos e afiados como os de qualquer animal selvagem” (LEVY,

2010, p. 26, tradução nossa)⁵. Vale salientar que essa monstruosidade é estabelecida pela oposição às características do grupo hegemônico que, a partir do poder adquirido, pôs-se como modelo central de civilização. Ou seja, a aparência física dos escravos, sua estrutura social, seus costumes religiosos e culturais encontram-se completamente opostos ao que é imposto pelo modelo hegemônico.

O sentimento de medo se desenvolve por causa dos traços bestiais desses sujeitos, através da perspectiva de Caroline, a qual durante toda a cena descrita anteriormente teme ser pisada e amarrada por eles. Vale ressaltar que essa ideia de bestialidade é fruto de uma percepção da personagem, que é culturalmente transmitida entre os membros do grupo dominante. Desse modo, compreende-se que a personagem enxerga o que aprendeu a enxergar.

Essa mesma comparação, que está relacionada com a bestialidade, volta a aparecer em seu primeiro e único encontro com Kitty, mãe da jovem July, a qual passa a servir Caroline após tal evento, em que os seus traços são analisados pela futura senhora, que alega que não consegue compreender “como qualquer homem sob o céu de Deus gostaria de deitar com uma criatura tão repugnante. E como uma fera tão feia como ela que impedia toda a luz do sol passar diante dela, poderia ser mãe de uma criança tão adorável?” (LEVY, 2010, p. 33, tradução nossa)⁶.

Segundo Garner (2009), no contexto das narrativas sociais racistas, os corpos são tidos como fixos e imutáveis, acarretando na ideia de que todas as pessoas que apresentam determinadas características físicas têm uma tendência para certos padrões de comportamento. Isso é facilmente identificável no pensamento de Mortimer, que através de sua percepção atrela a aparência animalésca dos escravos a um comportamento primitivo, conforme será analisado abaixo. Além disso, Lima (2012) expõe outro padrão de comportamento presente na narrativa em que:

Dentro de uma determinada plantação, era possível distinguir os escravos que trabalhavam nos campos daqueles que trabalhavam na casa do mestre. O estereótipo do escravo de casa o descreve como um servo obediente que aceita sua condição alegremente, quer agradar o mestre a todo custo e está pronto para trair outros escravos a fim de obter alguns privilégios (LIMA, 2012, p. 143, tradução nossa).⁷

Por fim, o modo que os sujeitos pertencentes ao grupo oprimido agem também é alvo da percepção da jovem Caroline. A aparência física desse grupo é associada a formas bestiais, e por isso as “propriedades negativas atribuídas aos grupos como um todo são, portanto, aplicadas a seus membros, que são vistos como essencialmente iguais” (DIJK, 1992, p. 20, tradução nossa)⁸, causando um efeito de categorização que cria uma ideia de imutabilidade, evidenciada no discurso de Caroline Mortimer a July, no qual a senhora afirma que a civilidade jamais seria atrelada ao negros, além de concluir que eles “jamais farão como são ordenados” (LEVY, 2010, p. 251, tradução nossa)⁹.

Desse modo, esses escravos são comparados a animais selvagens, sendo incapazes de agir racionalmente e, conseqüentemente, inúteis para fazer as coisas do modo esperado por seus senhores. Essa questão acerca da incapacidade, que é fruto de uma percepção por parte do grupo opressor, se evidencia na fala de Caroline em relação a Molly, sua empregada doméstica temporária, que é vista como uma pessoa que “parecia não saber nada dos deveres que eram exigidos dela” (LEVY, 2010, p. 27, tradução nossa)¹⁰. Ademais, Caroline Mortimer atrela ao grupo a característica de facilmente culpável, levando em conta o traço mencionado anteriormente. Essa ideia é reforçada na narrativa quando John, irmão da jovem, comete suicídio e Caroline culpa Nimrod Freeman, um ex-escravo negro que comprou sua alforria, de homicídio apenas por estar no local:

Caroline Mortimer, vendo aquele negro puxado de baixo da cama como um búzio se contorcendo para fora de uma concha, a princípio inspirou uma respiração tão assustada que ela pareceu estar ofegante. Mas então, com mais arte do que qualquer outro jogador em um palco, ela alterou seu humor para choro, ‘Ah, foi ele quem atirou nele. Eu o vi. Eu o vi.’ E aqui a história dela foi feita. (LEVY, 2010, p. 117, tradução nossa)¹¹

Já que a futura senhora de Amity detém um *status* de poder maior do que o senhor Freeman, ela usufrui desse fato e o torna responsável pelo acidente. Baseando-se em todos os atributos descritos anteriormente, de que o grupo oprimido se assemelha a criaturas bestiais e irracionais e que apresentam comportamentos bárbaros, a história de Caroline é facilmente tida como verdade única. Partindo da ótica dominante seria mais coerente um ex-escravo com características grotescas e sem qualquer resquício de racionalidade, a partir da visão da jovem Caroline, atentar contra a vida de seu antigo senhor do que um senhor branco tirar a própria vida.

À guisa de conclusão, todas as visões analisadas anteriormente ajudam na perduração do racismo por parte do grupo hegemônico, já que “eles contribuem continuamente para a perpetuação de uma estrutura social ou de normas e valores culturais” (DIJK, 1992, p. 25-26, tradução nossa)¹². Desse modo, já que existem indivíduos como Caroline, que manifestam suas percepções negativas sobre o grupo de escravos negros, a continuidade desse sistema discriminatório é assegurada. Além disso, todas as situações descritas previamente influenciam na internalização do papel de senhora e na utilização de violência da personagem Caroline Mortimer, situações essas que serão apresentadas posteriormente.

INTERNALIZAÇÃO DO PAPEL DE SENHORA

O processo de internalização do papel de senhora da personagem Caroline Mortimer ocorre em duas etapas: a de aprendizado e a de reprodução. Na primeira

fase, a jovem recebe a tutoria da então senhora, Agnes, que lhe ensina o modo correto de lidar com os escravos negros, seja através da fala ou de punições. Já na segunda fase, tais ensinamentos são postos em prática. Na primeira, a jovem chega à propriedade com olhos curiosos, desejando conhecer cada pedaço daquele lugar, por apresentar uma realidade totalmente diferente da que ela estava acostumada. Ainda nessa etapa, Caroline passa a desenvolver percepções relacionadas com a língua, a aparência e a atitude acerca dos escravos que lá residem, e que se juntarão aos ensinamentos de Agnes, influenciando no modo que Caroline agirá na segunda fase. Nesta, a jovem inglesa não tem o mesmo olhar de antes.

Na verdade, ela passa a desenvolver sentimentos negativos relacionados ao lugar em que está, alegando odiar a ilha e o fato de estar cercada de escravos negros. Tais sentimentos serão fundamentais para que a jovem comece a utilizar de violência física e verbal com seus escravos, principalmente com a jovem July. Além disso, há outra distinção entre essas etapas: o papel de Caroline na primeira é o de futura senhora, enquanto na outra ela já atua como atual senhora. Desse modo, a parte inicial dessa análise abará a personagem aprendendo o ofício, ao passo que a segunda focará no exercício dele.

Após viver um tempo em Amity, Caroline Mortimer passa a internalizar o papel de senhora, o qual é parcialmente ensinado por Agnes, a esposa de seu irmão, muito antes de ocupar a posição oficialmente. Logo nos primeiros acontecimentos após sua chegada à plantação, Caroline percebe que sua cunhada Agnes consegue comandar os escravos usando a língua deles, do mesmo modo que eles falariam entre si:

Ela podia berrar para aqueles negros com a mesma força que os negros faziam um para o outro. Agnes estava grávida e, apesar de uma constituição franzina, ainda assim não permitia que uma saliência protuberante em sua cintura a impedisse quando estava advertindo seus escravos. Ora, ela pulava de um lado para o outro tão espirituosamente quanto uma lebre louca - braços balançando, pés batendo, seu cabelo vermelho grosso se soltando de sua fita enquanto ela estalava, gritava, batia palmas e gritava para conseguir o que queria (LEVY, 2010, p. 28, tradução nossa).¹³

O fragmento selecionado acima revela o modo como Agnes lida com os seus escravos: elevando o tom de voz, batendo as palmas e os pés. Estes traços se tornam objetos de inspiração para Caroline, que passa a utilizá-los no futuro quando passa a exercer o ofício. Tal inspiração surge a partir do momento em que a jovem Caroline percebe que a cunhada tem poder sobre o grupo oprimido, transformando-se assim em uma tutora no processo de internalização desse papel.

Desse modo, Agnes passa a ensinar à futura senhora o modo adequado de exercer sua autoridade sobre eles: “Você deve mostrar quem é mestre e quem é escravo. Não deixe espaço para eles te enganarem. Eles são capciosos, Caroline, Agnes disse ao instruir Caroline sobre a gestão de escravos.” (LEVY, 2010, p. 28-29, tradução nossa)¹⁴. Essa ideia de mostrar a autoridade está sempre ligada a uma

relação de poder provindo do grupo dominante, que “pode ser definido em termos do tipo ou quantidade de controle que as elites têm sobre as ações e mentes de outras pessoas” (DIJK, 1992, p. 44)¹⁵. Do ponto de vista dominante, como os escravos são considerados uma propriedade, é direito desse grupo restringir a liberdade deles, visto que por meio desse poder, o grupo dominante detém controle sobre o grupo oprimido.

Segundo Dijk (1992), atitudes não são adquiridas, estruturadas ou usadas arbitrariamente. Como crenças sociais e culturais, elas devem ser funcionais, ou seja, devem servir aos objetivos ou interesses do grupo. Desse modo, as atitudes tomadas por Caroline, ao desempenhar oficialmente o papel de senhora, servem para atingir seu objetivo: demonstrar quem está no poder, utilizando as técnicas aprendidas anteriormente com a antiga senhora da plantação. Para isso, a jovem almeja atingir seus escravos em todas as esferas que puder, sejam elas emocionais ou físicas.

Durante um episódio do romance, a escrava rouba alguns botões de um vestido da sua senhora que, ao perceber o ocorrido, pune-a. Por causa da dor provocada pelas picadas provindas de uma agulha, a escrava chama por sua mãe, desencadeando o seguinte comportamento de Caroline:

De repente, a figura de sua senhora começou a cruzar a sala enquanto ela se inclinava perto de July para gritar: ‘Sua mãe foi vendida. Ela foi vendida, você me ouviu? Vendida. Você é minha agora’. E suas bochechas vermelhas estavam vermelhas como pimenta Scotch Bonnet, quando July gritou por sua mãe mais uma vez (LEVY, 2010, p. 51, tradução nossa).¹⁶

O acontecimento afeta emocionalmente July em um nível tão extremo, que ela passa a contar incansavelmente a quantidade de dias sem ver a mãe até que todos os números que ela conhecia fossem usados e ela precisasse recomeçar a contagem, além de nunca mais repetir a ação que desencadeou esse trauma. Ademais, a esfera física de July também é afetada nesse processo de manutenção de poder por parte de Caroline. Por diversas vezes, mesmo com o anúncio do fim da escravidão, a menina é obrigada a permanecer no seu papel e desenvolver tarefas para Caroline no momento em que ela desejar. Isso se torna evidente em um momento da narrativa em que a senhora solicita que a escrava vá até a casa de Robert Goodwin, o supervisor da plantação, em más condições climáticas. Ao ser confrontada em relação a sua ordem – nesse momento, July diz que gostaria de realizar a tarefa mais tarde por causa do tempo chuvoso – a jovem inglesa rebate: “Besteira. Eu digo que você vai, então você vai” (LEVY, 2010, p. 160, tradução nossa)¹⁷. Essa tática é usada para reafirmar o poder de Caroline, visto que nesse momento ele se encontra ameaçada por conta do fim da escravidão em 1838, fato, no entanto, que continua a ser perpetuado pela jovem por mais tempo.

Outro artifício aprendido no processo de internalização é o uso de ameaças como forma de assegurar o poder. Por diversas vezes esse recurso é utilizado para

inibir o questionamento dos escravos em relação às atitudes de Caroline. Tais ameaças estão ligadas às punições às quais esse grupo estava sujeito frequentemente. Durante a realização de um jantar nas terras do irmão de Caroline Mortimer, o escravo Godfrey, cuja função na propriedade é a de cozinheiro, fala para a futura senhora, que reclama que tudo é muito caro ao saber o preço de um tecido, que as coisas não são, de fato, caras, é ela que não tem dinheiro para bancá-las. A jovem encara a resposta como uma grave ofensa, perguntando como ele se atrevia a questioná-la desse jeito, proferindo a seguinte ameaça: “Eu sei que você me enganou. Agora, apenas me dê um bom preço ou eu vou chicotear você” (LEVY, 2010, p. 61, tradução nossa)¹⁸. Isso mostra uma imposição de que as coisas precisam ser do jeito que ela deseja, por ocupar um lugar de prestígio na sociedade em que vive.

Dessa maneira, as noções analisadas anteriormente reforçam a ideia de que “aqueles que têm mais poder e, portanto, mais controle sobre as ações de mais pessoas em mais situações, também têm uma gama mais ampla de oportunidades para contribuir ou se opor à reprodução do racismo” (DIJK, 1992, p. 26, tradução nossa)¹⁹. A partir disso, é possível estabelecer um contraste entre a Caroline que chega em Amity e descobre um mundo que antes lhe era desconhecido e a que internaliza o papel de senhora a partir de percepções próprias e de outros, como por exemplo as de Agnes.

A primeira apenas via e criava opiniões sobre um grupo, enquanto a segunda abandona esse processo de observação e passa a expor tudo o que foi produzido nele a fim de assegurar a manutenção de seu poder a partir de práticas de repressão contra os indivíduos do grupo oprimido. Desse modo, é possível dizer que ela aprende o que vê e reproduz o que aprende, contribuindo assim com a perpetuação do racismo e do sistema escravocrata, em que ela e o seu grupo controlam todo o poder, seja ele social ou econômico, e conseqüentemente, aqueles que estão a mercê dele.

RACISMO E VIOLÊNCIA

A partir da passagem pelos processos de percepção e internalização do papel de senhora, através dos quais a personagem Caroline Mortimer passa a atribuir determinadas características ao grupo de escravos, como formas bestiais e irracionalidade, além de reproduzir o que foi aprendido com sua cunhada Agnes, acaba por culminar no uso de violência em seus escravos como forma de punição e reafirmação de poder do grupo dominante. Esse novo elemento reforça a reprodução do racismo no romance, visto que estabelece uma hierarquia entre o grupo hegemônico e o oprimido, além de mostrar o modo que esse segundo grupo é dominado pelos integrantes do primeiro, seja essa dominação feita de forma física ou psicológica.

Nesse contexto, o primeiro tipo de dominação, que envolve a esfera física dos escravos negros, é causado por castigos aplicados por Caroline Mortimer com uma ideia de que a punição leva ao aprendizado. Já o segundo tipo, que envolve a

esfera psicológica, é evidenciado através do discurso da personagem, no qual ela busca atingir seus escravos para que eles façam aquilo que ela deseja, de modo correto, sem repetir os mesmos erros que causaram o ato de violência. Durante a execução dos castigos são perceptíveis o seu propósito, a forma como são aplicados e o modo como Caroline se sente enquanto pratica tais ações.

De forma geral, as punições aplicadas por Caroline servem para a educação dos escravos, como a própria afirma: “Eu preciso punir você, ou você nunca aprenderá” (LEVY, 2010, p. 51, tradução nossa)²⁰. Essa ideia de aprendizado mascara o real propósito da ação: reafirmar quem detém o poder da situação. Isso é reforçado principalmente pelos incidentes que desencadeiam as punições, visto que elas só ocorrem quando as ordens da senhora são desrespeitadas. Desse modo, percebe-se que a violência é necessária para que os escravos aprendam quem manda e quem deve obedecer.

Além disso, ela faz referência a um dos elementos percebidos por Caroline Mortimer durante o seu processo de percepção sobre o grupo de escravos negros: a incapacidade. Como discutido anteriormente, a jovem Caroline atrela a condição de incapacidade aos membros do grupo oprimido por não os considerar capazes de agir racionalmente e, portanto, de executar as tarefas solicitadas propriamente. Sendo assim, os atos de violência cometidos pela senhora atuam como uma “solução” para essa falha pertencente aos escravos, visto que dessa forma eles se educariam e não cometeriam os mesmos erros novamente.

No que concerne às formas em que essas punições se manifestam, é perceptível que Caroline Mortimer possui um leque de opções, sendo considerada alguém capciosa:

Qualquer hora ela pode se aproximar de July para dar esse golpe. Por uma punição deixada intocada no interior de sua senhora, era como a lembrança de um delicioso jantar não saboreado. Às vezes, se a senhora estivesse cansada para uma repreensão vigorosa, ela poderia dar um tapa no rosto de July. Mas ocasionalmente, se July tivesse perdido a ameaça no olho de sua senhora - aqueles dois vilões vigilantes e sem cor que faziam uma varredura em fendas minúsculas -, então ela ainda poderia estar em pé para receber a bofetada nas costas de sua mão também (LEVY, 2010, p. 49, tradução nossa)²¹.

A partir da passagem selecionada fica claro que uma punição não aplicada é comparada a um delicioso jantar que não é saboreado, dando a entender que a personagem aproveita esses momentos. Pode-se dizer, inclusive, que ela sente prazer ao aplicar as punições. Além disso, apesar de Caroline ameaçar constantemente seus escravos de que irá chicoteá-los, a mesma nunca o faz, pois não possui a ferramenta necessária para realizar tal ato, como visto em “July sabia que sua senhora não iria chicotear ela, pois ela não mantinha um” (LEVY, 2010, p. 48, tradução nossa)²². Desse modo, as únicas ferramentas utilizadas nas punições são agulhas e a próprias mãos da senhora. Esta primeira é a mais cruel, pois

perfura a pele dos escravos, infligindo grande dor. A escrava July é a única personagem a receber esse tipo de tratamento, sempre com uma função “educadora” para que ela não cometa os mesmos erros novamente. Além disso, essas punições revelam outro traço da personalidade da senhora: tudo deve acontecer do modo desejado por ela, caso contrário, haverá consequências. Esse traço está presente em todos os castigos, visto que eles só se desencadeiam quando as vontades de Caroline são desrespeitadas.

Além da violência física, Caroline Mortimer também utiliza a psicológica em seus escravos, principalmente em July. Ela é utilizada como uma forma de desestabilizar a escrava, fazendo com que fique mais suscetível a fazer o que Caroline deseja, sem se mostrar insolente, visto que a escrava já havia chegado ao ponto de roubar alguns pequenos pertences da senhora.

O principal evento que explicita o uso da violência psicológica refere-se ao momento em que Caroline descobre que a escrava July roubou alguns botões do seu vestido, o que faz a senhora ficar enraivecida e contar para a jovem que sua mãe Kitty, que também era escrava na plantação, foi vendida e que agora ela era sua propriedade. Isso causa um grande choque na vida da jovem escrava, fazendo com que ela passe a contar incansavelmente os dias sem ver a mãe, sem nunca mais repetir o ato de roubar. Desse modo, o objetivo de Caroline é alcançado, visto que, através dos castigos físicos e psicológicos, July aprendeu a se comportar do modo desejado pela senhora, sem repetir ações capazes de enfurecê-la.

Por fim, a esfera emocional de Caroline Mortimer também é evidenciada durante os atos de violência. De maneira geral, há uma predominância da sensação de divertimento por parte da personagem, pois ela percebe que “a experiência diária de viver com violência (ou a ameaça de violência) é, desnecessário dizer, desmoralizante e devastador” (THOMAS, 2013, p. 36, tradução nossa)²³. Os atos da então senhora desmoralizam principalmente July, que sofre mais por a acompanhar praticamente o tempo todo.

Escravos como Godfrey não são tão afetados por serem mais velhos e, como afirmado pelo próprio, terem sofrido punições piores do que aquelas reproduzidas por Caroline. Novamente a cena em que a escrava July descobre que sua mãe foi vendida pode ser usada como exemplo para essa ideia de desmoralização, visto que Caroline expõe o fato de propósito, pois sabe que isso causará um grande impacto na vida da jovem, devastando-a completamente. Ao contrário de July, Caroline se diverte com o acontecimento, pois sabe do poder que possui sobre a moça e como suas ações afetarão o psicológico dela, influenciando nas futuras ações da personagem e o modo como ela se sentirá em relação à mãe.

Resumidamente, a violência presente na narrativa se manifesta de forma física e psicológica, ambas objetivam a reafirmação de poder por parte da personagem Caroline Mortimer. Além disso, sua principal finalidade se refere à educação dos escravos, visto que a partir do ponto de vista de Caroline, os escravos aprenderiam a se portar corretamente e realizar as tarefas do modo requerido por ela se fossem submetidos às punições com finalidade educadora.

Ademais, é perceptível que a personagem só utiliza a violência nos casos em que suas ordens não são cumpridas corretamente ou quando algum escravo a

rouba – muitas vezes só o fato de ela desconfiar que está sendo roubada já é o bastante para punir alguém. Sendo assim, a personagem se diverte com esses momentos, pois percebe a influência que possui em seus escravos, principalmente em July, que passa grande parte do tempo ao lado da senhora, servindo-a. Além de perceber a influência que possui, Caroline também sabe que suas ações são capazes de desmoralizar os membros do grupo oprimido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi analisado, o romance busca mostrar as formas em que o racismo é apresentado: percepção, internalização e violência. A partir do processo de percepção, a personagem Caroline Mortimer atribui características aos membros do grupo oprimido, estereotipando-os e os avaliando negativamente, visto que todas as características percebidas por ela carregam uma hostilidade, atrelando ao grupo uma imagem completamente distorcida e negativa. Já no segundo processo, o de internalização do papel de senhora, a personagem aprofunda essas visões e as soma com aquilo aprendido com sua cunhada Agnes. É com ela que Caroline aprende que não deve ser enganada pelos membros do grupo oprimido e que eles devem aprender a agir do modo desejado pelos seus senhores. Tal ideia volta a aparecer no último processo, o de utilização da violência, no qual a personagem adere ao lema “punir para educar”, alegando que o grupo oprimido só saberá se portar corretamente e fazer o que lhes é mandado, se eles forem educados durante os castigos realizados pela senhora.

Assim sendo, a partir das evidências mostradas no romance, o processo de percepção de Caroline é fundamental para as outras duas etapas de reprodução do racismo, visto que a partir de seu olhar ela passa a ver uma diferença entre os membros do grupo dominante – os senhores brancos – e do grupo oprimido – os escravos negros –, seja ela hierárquica ou biológica. A análise previamente feita utiliza principalmente da diferença biológica, isto é, da aparência dos escravos negros e como a jovem inglesa os vê negativamente. Desse modo, essa etapa influencia para que os atos racistas ocorram, de modo a desmoralizar os membros do grupo atingido. É importante salientar que, apesar deste ser um caso específico da personagem Caroline Mortimer, a utilização de questões biológicas é frequentemente usada para amparar e perpetuar um processo de diferenciação mais óbvio, a fim de ocultar outros elementos (econômicos e culturais). Porém, ela não é a única, visto que, nesse contexto, a malha biológica suaviza esses outros elementos que também são responsáveis por essa diferenciação.

Notas

¹ Artigo de Iniciação Científica desenvolvido no projeto Literatura e Identidade, na Universidade Federal de Santa Maria, tendo como orientador o Professor Dr. Dionei Mathias.

² “are not tied to individual personality structures, but to the social and cultural norms, values, or ideologies of dominant groups” (DIJK, 1992, p. 20).

³ “Caroline observed that Agnes was able to command these slaves in their own strange tongue” (LEVY, 2010, p. 28).

⁴ “the exercise of control over other groups limits the social freedom of these other groups” (DIJK, 1992, p. 21).

⁵ “Caroline took a long step away from them – not on account of this impudent scorning, but in fear of the teeth in their heads that, as they laughed upon her, bared white and sharp as any savage beasts” (LEVY, 2010, p. 26).

⁶ “how any man under God’s sky would want to lie with such a loathsome creature. And how a beast so ugly that she blocked out all sunlight before her, could mother such an adorable child?” (LEVY, 2010, p. 33).

⁷ “Within a given plantation, one could distinguish the slaves who worked in the fields from those who worked in the master’s house. The stereotype of the house-slave depicts her/him as an obedient servant who accepts her/his condition happily, wants to please the master at all costs and is even ready to betray other slaves in order to obtain a few privileges.” (LIMA, 2012, p. 143).

⁸ “negative properties attributed to the group as a whole are thus applied to its members, who are therefore are seen as essentially alike” (DIJK, 1992, p. 20).

⁹ “nor will they ever do as they are bid” (LEVY, 2010, p. 251).

¹⁰ “seemed to know nothing of the duties that were required of her” (LEVY, 2010, p. 27).

¹¹ “Caroline Mortimer, seeing this negro pulled from under the bed like a wriggling whelk form out a shell, at first inhaled so startled a breath that she sounded to be gasping her last. But then, with more art than any player upon a stage, she amended her mood to cry, ‘Ah, it was he who shot him. I saw him. I saw him.’ And here her story was made.” (LEVY, 2010, p. 117).

¹² “they continuously contribute to the perpetuation of a social structure or cultural norms and values” (DIJK, 1992, p. 25-26).

¹³ “She could bellow at those negroes with the same force that the negroes did bellow at each other. Agnes was heavy with child and although slight of frame, still she allowed no bulging protrusion at her waist to impede her when she was admonishing her slaves. Why, she jumped about as spiritedly as a mad hare - arms failing, feet stamping, her thick red hair coming loose from its tie as she snapped, shouted, clapped and yelled to get her way” (LEVY, 2010, p. 28).

¹⁴ “You must show them who is master and who is slave. Leave them no room to fool you. Them is tricky, Caroline, Agnes said when instructing Caroline on the management of slaves” (LEVY, 2010, p. 28-29).

¹⁵ “can be defined in terms of the type or amount of control elites have over the actions and minds of other people” (DIJK, 1992, p. 44).

¹⁶ All at once her missus’s face began to span the room as she leaned in close to July to yell, ‘Your mama is sold away. She is sold away, you hear me? Sold away. You are mine now.’ And

her puffing cheeks were red as Scotch Bonnet pepper as July cried out for her mama once more (LEVY, 2010, p. 51).

¹⁷ “Nonsense. I say you will, then you will” (LEVY, 2010, p. 160)

¹⁸ “I know you cheat me. Now, just get me a good price or I’ll have you whipped” (LEVY, 2010, p. 61).

¹⁹ “those who have more power and hence more control over the actions of more people in more situations, also have a broader range of opportunities to contribute to, or to oppose, the reproduction of racism” (DIJK, 1992, p. 26).

²⁰ “I must punish you, or you will never learn” (LEVY, 2010, p. 51).

²¹ “Any time she might creep up upon July to deliver that blow. For a punishment left unbestowed brooded within her missus like the memory of a delicious dinner left uneaten. Sometimes, if the missus was just too weary for spirited reprimand, she might slap July about her face. But occasionally, if July had missed the menace in her missus’s eye - those two colourless, vigilant villains that squinted into tiny slits - then she might still be standing to catch the slap from the back of her hand too” (LEVY, 2010, p. 49)

²² “July knew that her missus would not actually whip her, for she kept no whip” (LEVY, 2010, p. 48).

²³ “the daily experience of living with violence (or the threat of violence) is, needless to say, demoralizing and devastating” (THOMAS, 2013, p. 36).

Referências

DIJK, Teun A. Van. *Elite Discourse and Racism*. Newbury Park: SAGE Publications, 1992.

GARNER, Steve. *Racisms: an introduction*. Londres: SAGE Publications, 2009.

LAURSEN, Ole Birk. “Telling Her a Story”: Remembering Trauma in Andrea Levy’s Writing. *EnterText*, v. 9, 2012, p. 53-68. Disponível em: <<https://www.brunel.ac.uk/creative-writing/research/entertext/documents/entertext09/5-Laursen-Remembering-Trauma-in-Andrea-Levy-FINAL.pdf>>.

LEVY, Andrea. *The Long Song*. Londres: Headline Review, 2010.

LIMA, Maria Helena. A Written Song: Andrea Levy’s Neo-Slave Narrative. *EnterText*, v. 9, 2012, p. 135-153. Disponível em: <<https://www.brunel.ac.uk/creative-writing/research/entertext/documents/entertext09/10-Lima-Written-Song-FINAL.pdf>>.

MUÑOZ-VALDIVIESO, Sofía. “This tale is of my making”: empowering voices in Andrea Levy’s *The Long Song*. *Journal of Postcolonial Writing*, v. 52, n. 1, 2 jan. 2016, p. 38-50. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17449855.2015.1125147?scroll=top&needAccess=true>>.

NIELSEN, Anna Marie Fennefoss. *Lost Voices of History: The Portrayal of Slavery in Andrea Levy’s The Long Song*, 2016. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Iceland, Islândia, 2016.

ÖZTABAK-AVCI, Elif. “Playing Bad for White Ears”: A Study of the Narratee in Andrea Levy’s *The Long Song*. *Journal of Narrative Theory*, v. 47, n. 1, dez. 2017, p.117-142. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/673752>>.

PÉREZ-FERNÁNDEZ, Irene. Breaking Historical Silence: Emotional Wealth in Joan Anim- Addo’s “Daughter and His Housekeeper” and Andrea Levy “The Long Song”. *Callaloo*, v. 40, n. 4, set. 2017, p. 113-126. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/723040>>.

THOMAS, Deborah A. Caribbean Studies, Archive Building, and the Problem of Violence. *Small Axe*, v. 17, n. 2, jul. 2013, p. 27-42.

Para citar este artigo

MULLER, Juliana Cassia. A representação de conflitos raciais no romance *The Long Song*, de Andrea Levy. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 2, p. 191-205, maio-ago. 2020.

A autora

Juliana Cassia Muller é graduanda do curso de Letras - Inglês e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e participante do projeto Literatura e Identidade.